

Rui Marques,

Alto-Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural

Ao longo dos últimos anos, o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), através do Observatório da Imigração (OI), tem vindo a desenvolver um trabalho consistente e aprofundado na compreensão da imigração e de toda a complexidade humana e social a ela associada. Mas não se trata de uma simples curiosidade científica ou de um investimento na investigação fundamental. Os Estudos do OI ajudaram-nos, antes de mais, a conceber, planear, executar e avaliar políticas de acolhimento e integração de imigrantes. Sem eles, a probabilidade de erro ou de incompreensão da realidade teria sido muito maior.

Aos Estudos OI juntámos, em boa hora, numa profícua cooperação com a Associação Númena, um sítio na Internet – www.oi.acidi.gov.pt – que se tem vindo a tornar referencial neste domínio. Foram nascendo igualmente outras linhas editoriais – Teses e Comunidades – num esforço permanente de fazer sempre mais e melhor. Tudo isto foi possível graças à estreita cooperação com investigadores e académicos, considerados individual ou colectivamente, e sobretudo com a sabedoria, o impulso e a clarividência do Prof. Roberto Carneiro enquanto coordenador do OI, bem como o apoio dedicado da Dr.^a Catarina Reis Oliveira, da equipa do ACIDI.

A este *portfolio* faltava, no entanto, uma revista periódica sobre Migrações. Não existindo em Portugal tal recurso, apesar da significativa produção científica desenvolvida sobre imigração nas nossas Universidades, o ACIDI decidiu dar este passo. Como todas as partidas, não vislumbramos mais do que a primeira curva no horizonte. Temos, porém, a convicção que a Revista *MIGRAÇÕES* nos trará mais uma janela de oportunidade para transformar conhecimento em políticas públicas ao serviço do bem comum.

Escolhemos como tema central deste primeiro número da *MIGRAÇÕES*, a Saúde e a Imigração. Não foi por acaso.

A medida de humanismo no acolhimento e integração dos imigrantes pode ter várias escalas. Entre todas, a mais rigorosa é a do acesso dos imigrantes aos cuidados de saúde. Uma sociedade civilizada, que queira e saiba colocar o Homem como medida de todas as coisas, evidenciará uma solicitude com a protecção da saúde dos seus cidadãos, independentemente da sua nacionalidade, etnia, religião, género ou situação documental. Cuidará, em primeiro lugar, dos mais

vulneráveis e excluídos, para que o essencial não lhes falte. E, nesta categoria, estão seguramente os imigrantes. Os riscos laborais assumidos, as doenças da pobreza, a depressão da saudade, os comportamentos de risco associados à solidão, transformam estas pessoas em alvo preferencial da(s) doença(s). Por isso, o seu acesso aos cuidados de saúde, em plena igualdade de circunstâncias com os nacionais, é fundamental. Da mesma forma, a compreensão integrada do seu trajecto de saúde/doença, com a identificação dos riscos e respectivas medidas preventivas, é igualmente essencial. É para a concretização desses magnos desideratos que esta edição da *MIGRAÇÕES* pretende contribuir.